

O último a saber

Jorge Bastos Moreno

Brasília — o PMDB, com 22 anos de existência, dois deles no governo, continua sendo o último a saber o que se passa dentro do Palácio do Planalto. As medidas chegam ao partido em forma de alternativas em exame pelo governo e aos jornais como decisão já tomada pelo presidente José Sarney.

O presidente do partido, Ulysses Guimarães, na única vez que tentou confrontar com o governo, o fez na hora errada: saiu de uma reunião no Palácio da Alvorada recusando o plano cruzado I só porque o PMDB não havia sido ouvido. A noite, com o povo na rua, Ulysses comemorava o congelamento de preços e transferia sua ira para a mulher: "A Mora é que ficou zangada porque eu sabia, mas não podia contar a ela".

Agora, a história se repete. Ulysses reuniu a Executiva quando todo o país já discutia a decisão do governo. "Eu não disse nada aos companheiros porque o presidente Sarney não me deu como certa essa decisão", justificou Ulysses a frustração da direção do partido, que aguardava dele a confirmação da notícia.

Se Ulysses, em nenhum momento, confessou que sabia, parte do PMDB foi contagiada pela vaidade. O deputado João Cunha (PMDB-SP), execrado pelos militares no regime ante-

rior, informa: "Três generais me contaram tudo há dois meses". Os mais realistas, como o deputado Roberto Cardoso Alves, não se sentiram incomodados. "Decisão administrativa é com o governo e não com o PMDB", disse.

O partido, na verdade, só teve um indicio da adoção das medidas quando o ministro Dilson Funaro, em reunião com o líder Luiz Henrique e os vice-líderes Miro Teixeira e Ibsen Pinheiro, informou que o país caminhava para essa decisão, mas advertindo: "Eu não posso adiantar mais nada porque quem deve anunciar isso é o Presidente."

Nem mesmo o líder do Senado, Fernando Henrique Cardoso, que ontem tomou café da manhã com o Presidente, pode informar corretamente seus pares. "Não me perguntem detalhes técnicos da medida, que eu não sei. Não sei como e por quanto tempo será essa suspensão, como não sei quanto temos em caixa", advertiu. E hoje, dentro do PMDB, dizem ser o senador um dos homens mais bem informados sobre essas medidas, fato que não ocorreu no plano cruzado I, quando Fernando Henrique, então na condição de líder do governo no Congresso, criticou a indefinição de Sarney às vésperas do chamado plano de estabilização econômica.

— O jeito é o partido ficar ligado na TV e nos jornais, se quiser saber de alguma coisa. Ninguém me diz nada. Será porque eu sou novato? — indaga o deputado ecólogo Fábio Feldman (SP).